

LIUDMILA PETRUCHÉVSKAIA

A menina do Hotel Metropol

Minha infância na Rússia comunista

Tradução do russo
Cecília Rosas

Copyright © 2006, 2009, 2017 by Liudmila Petruchévskaia

Publicado mediante acordo com Banke, Goumen & Smirnova Literary Agency
(www.bgs-agency.com).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Никому не нужна. Свободна

Capa

Elisa von Randow

Ilustração de capa

Goma Coletivo

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Angela das Neves

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petruchévskaia, Liudmila

A menininha do Hotel Metropol : minha infância na Rússia comunista / Liudmila Petruchévskaia; tradução do russo Cecília Rosas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: Никому не нужна. Свободна
ISBN 978-85-359-3305-5

1. Autoras russas – Século 20 – Memórias – 2. Comunismo – Aspectos sociais – União Soviética 3. Hotel Metropol (Moscou, Rússia) – História – Século 20 4. Moscou (Rússia) – Vida social e costumes 5. União Soviética – História – 1925-1953 1. Título.

19-31527

CDD-891.7803

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias : Escritores : Literatura russa 891.7803

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

A MENININHA DO HOTEL METROPOL

Começo, 9

Os Veguer, 12

Os Iákovlev, 21

O começo da guerra, 33

Circunstâncias familiares, 38

Kuibichev, 40

Kuibichev/Modos de existência, 46

Como fui salva, 50

O circo de Dúrov, 54

Em busca de comida, 57

As bonecas, 60

A vitória, 63

A ODO, 65

A linguagem da corte, 70

O Teatro Bolchói, 73

Escada abaixo, 76

Hibernações literárias, 80

Meus concertos/O suéter verde, 83
O retrato, 86
A história do pequeno marinheiro, 88
Outra vida, 93
O Metropol, 97
Lénotchka Veguer, 101
Mamacha, 104
O acampamento, 107
Rua Tchékhov/Vovô Kólia, 112
Tentando caber, 116
O orfanato, 120
Quero viver, 126

HISTÓRIAS

Necessária para ninguém, 133
Campainha-branca, 143
Groselhas verdes, 156
Gorila, 176
O nome do livro, 183
Cisne Agonizante, 192
Sánitch, 195
Como uma flor na alvorada, 208
Alfinetada no lombo, 223
O achado, 230
Música do inferno, 270
Em lugar de uma entrevista, 293

A MENININHA DO HOTEL METROPOL

Começo

Quando penso na espécie humana, não a imagino como uma árvore genealógica cheia de galhos. A espécie humana parece uma floresta, ela se estende ao longe — e aparece como uma corrente de pessoas-árvores de mãos dadas. Não sei por quê, mas é assim. Ali, na névoa dos tempos e dos séculos, estão elas, as gerações precedentes, árvores de muitos braços, e cada antepassado está unido, pelos ramos, de um lado a seus pais, do outro a seus filhos. Cada um é pai e ao mesmo tempo filho, e único no mundo. E cada uma é filha de sua mãe e mãe de sua filha ou de seu filho, e ao mesmo tempo uma criatura singular, que não se parece com nenhuma outra. Cada pessoa está só nestas três faces — filho, pai e indivíduo.

Quem está no centro é forte, sustenta os dois lados: tanto os que estão antes quanto os que vieram depois. E esse centro se desloca com os séculos. A pessoa enfraquece, sua força passa para a próxima geração. Sua inteligência e seu conhecimento se vão junto com ela, não há como transmiti-los, mas as qualidades podem passar para os descendentes — a persistência, até uma

obstinação animal diante da possibilidade de ser ferido; a força do espírito; a convicção de que a comida deve ser espartana e a água do banho, gelada; a voracidade nas festas; a discordância das autoridades; a fidelidade às suas posições diante do próprio sofrimento e do sofrimento de pessoas próximas; a sentimentalidade, o amor pela música e pela poesia, e a pouca paciência para bobagens; a feroz sinceridade e a absoluta incapacidade de chegar a qualquer lugar na hora certa; a pureza de intenção, a tendência a ajudar a todos e o ódio pelos vizinhos; o amor pelo silêncio e pelo volume do grito cotidiano; a capacidade de viver sem dinheiro e o gasto desvairado com presentes; a completa bagunça em casa e a exigência rigorosa de que os habitantes limpem sua



A família Veguer em um passeio em 1912. Minha avó Valentina de blusa branca; atrás dela, meu bisavô Iliá Serguêievitch Veguer (Dêdia) e meu avô Nikolai Iákovlev. Dêdia não gostou quando suas filhas se casaram, isso provavelmente explica sua expressão beligerante.

sujeira — e um amor ilimitado pelas crianças pequenas, especialmente quando estão dormindo, em toda a sua beleza.

Minha bisavó Ássia morreu de septicemia aos 37 anos, deixando seis filhos. O marido, meu bisavô Iliá Serguêievitch, médico, foi então para o rio. Ele se sentia culpado pela morte da esposa. Cinco filhos correram atrás dele, alcançaram-no na margem e se penduraram no pai, impedindo-o. A mais velha, Vera, carregava a pequena. Enquanto estavam enterrando Ássia, sua filha Válenska, de oito anos, ficava andando atrás do pai como uma sombra, seguindo seus passos e balbuciando: “Vou te seguir pra sempre”. Quase todos entraram para a clandestinidade; meu bisavô era bolchevique, lutava pelos direitos dos oprimidos. Normalmente trabalhava como médico nas fábricas; os doentes, pessoas pobres, vinham aos montes dos povoados e aldeias. Ele nunca recebia dinheiro por fora pelas consultas. Só o salário. Atendia todos os oprimidos por princípio, mas deveria cuidar apenas dos funcionários. Por isso, em geral, era logo demitido, e encontrava trabalho principalmente nas epidemias de cólera e peste — quando aceitavam todos os médicos, até os que já haviam sido condenados.

Eu, logo que comecei a falar, o chamava de Dêdia.

Os Veguer

Nasci no Hotel Metropol, a segunda Casa dos Sovietes; seus quartos eram ocupados por velhos bolcheviques, entre eles meu bisavô, Dêdia, Iliá Serguêievitch Veguer, membro do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) desde 1898. Também morava ali, desde que se divorciara de N. F. Iákovlev, a filha de I. S. Veguer, minha avó, Valentina Ilínitchna Iákovlev, também do partido desde 1912, com as filhas Vera Nikoláievna e Valentina Nikoláievna, minha futura mãe. Todas três, como convém a um conto de fadas, eram incrivelmente bonitas. O jovem Maiakóvski flertou com vovó Vália, mas ela preferiu o estudante Kólia Iákovlev. A primeira filha deles, Vava (Vera), cresceu e se tornou a moça mais bonita (um sorriso branco, uma linda trança, olhos azul-escuros) da Academia Militar de Veículos Blindados, e minha mãe, desde os catorze anos, como era muito alta, quando saía na rua sempre encontrava cavalheiros querendo acompanhá-la, em especial soldados, ainda mais porque ela respondia ingenuamente às perguntas de como se chamava e onde morava — mas não dizia quantos anos tinha, o que afligia a mãe e a

irmã. Na família, chamavam minha mãe de Liulia. Ela era a mais nova e sempre a consideravam uma criança, apesar de ter estudado obstinadamente e lido montanhas de livros na escola e na faculdade de literatura. Em sua escrivaninha havia pirâmides de tomos (só sobre a Idade Média, havia três antologias enormes). Ela estudava literatura com tanta seriedade que encarava a leitura normal como uma profanação. A respeito da sobrinha da terceira mulher de seu avô (Dêdia), que bem na época da fome ia sempre ao Metropol pegar livros com ele, Liulia dizia: “Claro, ela é uma heroína de Turguêniev, sentada num banco junto a um laguinho com um romance nas mãos”. Na verdade, a sobrinha ficava para jantar.

Para a jovem Liulia, a literatura era objeto de estudo! Mas em segredo ela amava o jovem Górkí.

E acabou que Liulia, uma moça ingênua, séria e totalmente inocente, ficou grávida no dia de seu aniversário, 23 de agosto de 1937, numa datcha em Serébriani Bor.

Na infância, escutei com meus próprios ouvidos o que ela disse à nossa zeladora, Grânia, barriguda de oito meses, que estava reclamando de por muito tempo não ter conseguido engravidar. Estávamos no portão e minha mãe riu, apontando para mim: “Já comigo, da primeira vez...”.

Naquele verão eles estavam morando em Serébriani Bor.

Era uma datcha do governo, do irmão mais velho da vovó, Vladímír Ílitch Veguer, bolchevique antigo, dirigente de uma célula partidária do POSDR na Krásnaia Prêsnia e um dos organizadores da famosa insurreição com barricadas em 1905. No partido, usava o codinome Povóljets.

(Muitos passam entre as estações de metrô Barrikádnaia e Ulítsa 1905 Goda. Ninguém sabe que tudo isso foi obra do meu tio-avô Vladímír Ílitch, todos os nomes, aquelas pedras reviradas da calçada e as barricadas, todas aquelas futuras esculturas esti-



Valentina (Liulia) e Vera (Vava), minha mãe e minha tia, em 1930. Naquele ano, minha mãe e minha avó encontraram o poeta Vladímir Maiakóvski no bonde. Sua aparência era exausta e melancólica. Ele cometeu suicídio meses depois.

lo “o pedregulho é uma arma do proletariado”. Até hoje o transporte de Moscou faz barulho por causa de um pedregulho histórico deixado de propósito entre a praça Vosstânia e o metrô Barrikádnaia.)

Povóljets, aliás, aceitou no partido o Maiakóvski adolescente de quinze anos; depois, foi parar na prisão Butírskaia e mais tarde saiu do partido.

Maiakóvski ia para o prédio se encontrar com Vladímir Ílitch-Povóljets, e lá conheceu as irmãs mais novas dele, Vera e Vália Veguer. Ele se apaixonou por Válietchka imediatamente.

Dizia-se no folclore familiar que Maiakóvski e Burliuk saíram do prédio usando blusas, Maiakóvski a famosa blusa amare-

la, Burliuk uma lilás. Mamãe me contava que tinham pegado as blusas das irmãs — só que as meninas eram pequenas, e Maiakóvski era enorme. Tenho minhas dúvidas. Talvez eles tenham provado só de brincadeira. Mas é verdade que na época as estudantes usavam blusas fofas, franzidas.

Minha mãe também dizia que uma vez, em 1930, ela e sua mãe estavam no bonde e ali depararam com Maiakóvski. Minha avó disse a ele: “Esta é minha filha”. O poeta estava com uma aparência extenuada, cansada. Era seu último ano de vida.

Em 1937, Vladímir Ílitch Veguer-Povóljets construiu uma casa fora da cidade, no quilômetro 42 da estrada de Kazan, na cooperativa de trabalhadores da ciência, e no verão deu a datcha em Serébriani Bor para a irmã Valentina (minha futura avó) e as filhas dela.

Na primavera daquele ano maldito ocorreram coisas terríveis. Em maio, um irmão da minha avó, Jênia Veguer, membro do Politburo da Ucrânia e secretário do comitê regional do Partido em Odessa, foi preso e submetido a interrogatório; sua irmã Lénotchka Veguer foi presa e condenada ao fuzilamento (ela havia chefiado a secretaria de Kalínin por muitos anos). O marido de Ássia, irmã da minha avó, foi preso e executado, e quase um ano depois levaram a própria Ássia; ela passou muitos anos no gulag. Na época, a condenação ao fuzilamento recebia o nome suave de “dez anos sem direito a correspondência”.

Os restantes tiveram que ficar esperando convidados repentinos. Era uma tortura.

Toda noite minha avó escutava um barulho, como se um carro estivesse parando em algum lugar ao longe; a porteira se abria e se escutavam com muita clareza passos pelo cascalho...

Naqueles anos vinham pegar as pessoas justamente à noite, lacravam os apartamentos e ninguém nunca mais as via.

Toda noite alguém claramente andava da porteira até a casa. O cascalho fazia barulho. Mas não entrava na casa. Era preciso esperar. Ficou impossível dormir. Ela tinha medo de sair para olhar.

Minha avó foi ao psiquiatra. Ele disse: “Fique conosco, aqui você vai estar segura”. Ela ficou. Provavelmente, isso a salvou. Assim não a levaram presa.

Minha avó era uma mulher excepcionalmente inteligente e perspicaz. Ela sabia que levariam todos — menos os loucos com atestado. A jovem esposa de Jênia Veguer, Solange Korpatchóvskaia, uma linda pianista metade francesa, depois da prisão do marido também foi detida — mas ficou louca na cela por causa dos interrogatórios noturnos, então foi liberada. Quando Dêdia foi vê-la, ela soluçava ininterruptamente, sentada na cama, grisalha em seus anos de juventude, vestida de preto, esgotada, gritando palavras incoerentes. Meu bisavô era médico. Ele não ficou na cabeceira dela, deu meia-volta e saiu sem dizer palavra. Não sei por quê. Talvez por dentro ele mesmo quisesse gritar aquele tempo todo, mas se contivesse. E ela, louca, era livre em seus berros. Jênia era a esperança dele, seu orgulho (com o mais velho, Volódia, ele não falava desde os tempos da Revolução), Lénotchka era a filha mais nova, a preferida. Possivelmente não tinha força humana para aguentar aquele grito.

O destino subsequente da nora foi terrível — a mãe de Solange a pegou, junto com o filho pequeno, e a levou para a Ucrânia. A guerra começou, chegaram os alemães. Solange, o filho e a mãe, junto com a colônia de judeus do gueto, foram enterrados vivos.

Mas isso aconteceu depois.

Na época descrita, o verão de 1937, Solange, pelo visto, ain-

da estava presa, e não se conseguia nenhuma notícia de Lénotchka, Jênia e do marido de Ássia (a mesma formulação, “sem direito a correspondência”). Jênia e Lénotchka foram presos em 23 e 24 de maio de 1937. Lénotchka foi fuzilada em 3 de setembro. Jênia, em 21 de novembro.

Recentemente me disseram que quem aguentava mais tempo, não confessava ser espião, não assinava o papel, esses eram mais torturados e executados mais tarde.

Naquele verão terrível, minha futura família se escondeu em Serébriani Bor. Às vezes, as pessoas simplesmente iam embora de casa, e os enviados do NKVD* não as encontravam.

Minha mãe contava que Stefan (que em breve se tornaria meu pai e que, como ela, era aluno do Instituto de Filosofia, Literatura e História de Moscou (IFLI), mas não de literatura, e sim de filosofia) ia vê-la naquele verão na datcha de Serébriani Bor... Ela não especificou quando isso acontecia e onde eles se viam. A julgar por tudo, à noite e não dentro de casa.

Mais tarde fiquei sabendo que meu pai era da província de Nikoláiev, do povoado de Vérkhini Rogátchik, e em sua grande família (isso já foram outras pessoas que me disseram) muita gente sofria de tuberculose. Ele chegou a Moscou doente, sem nada, como Lomonóssov,** ingressou na Faculdade dos Trabalhadores*** na qualidade de camponês pobre com capacidades de destaque e depois no IFLI. Não tinha um canto próprio. Acima de tudo, não ia a médicos. Talvez tivesse medo de ser internado

* Comissariado do Povo para Assuntos Internos, órgão que cuidava da repressão política na União Soviética até meados dos anos 1940. [Todas as notas são da tradutora.]

** Mikhail Lomonóssov, pensador e cientista russo do século XVIII. Conta-se que era filho de pescadores e que chegou a Moscou a pé, sem nada.

*** Instituição que existiu de 1919 até meados dos anos 1930, com o objetivo de preparar trabalhadores e camponeses para o ensino superior.

em um hospital, porque teria que perder um ano. Ia vivendo, tossindo um pouco. Era alto, tinha cabelos encaracolados, era bonito. Minha mãe, aluna aplicada de literatura, era bonita, contida, séria, não entendia absolutamente nada da vida e estava sempre com os livros. Além disso, a família daquela criatura encantadora morava no melhor prédio de Moscou, o Metropol. E mais: antes, a mãe dela trabalhava no Kremlin, depois no Comitê de Ciência. A irmã estudava na Academia Militar de Veículos Blindados. Por isso meu futuro pai provavelmente morria de medo deles.

Isso não excluía a possibilidade de que à noite, escondendo-se da mãe e da irmã de sua amada, Stefan fosse como um ladrão noturno do último trólebus até a porteira, depois atravessasse o cascalho até a janela e a chamasse para um encontro. É o que acho. Por isso aqueles passos que nunca terminavam com uma batida na porta!

Minha avó estava absolutamente saudável em termos psicológicos.

Essa é minha versão daqueles acontecimentos.

Em todo caso, havia passos, mas meus parentes não foram levados para a Lubianka.

Em suma, nasci em 26 de maio de 1938, mais ou menos nove meses depois do aniversário da minha mãe.

Mas não me lacram dentro do apartamento, como acontecia com os bebês de quem era preso, e eu cresci na casa da minha avó sob o som dos grandes textos da literatura russa; mas sobre isso vou falar mais adiante.

Mais ou menos dois anos depois dos acontecimentos descritos aqui, meus parentes voltaram para casa e viram que a porta que levava ao quarto deles estava lacrada mesmo assim. Ou seja,



Hotel Metropol, cartão-postal de 1905.

minha avó foi na frente, tentou abrir a porta, não conseguiu, deu meia-volta e abandonou aquele apartamento para sempre, sem dizer palavra...

Vava, que veio de trás, por sua vez, se aproximou da porta e viu que na maçaneta havia um arame enrolado, e no arame estava pendurado chumbo.

Talvez se eles tivessem voltado antes para casa já teriam sido levados. Mas se atrasaram como sempre. Nossa família está eternamente atrasada, de geração em geração.

De seu prédio, do Metropol, já havia desaparecido muita gente.

Assim, Vava se despediu da vizinha de parede, de cujo sobrenome ela não se lembrava exatamente, algo como Kaliguina. Era secretária do Comitê e frequentemente ia a Moscou, para seu quarto no Metropol, sempre com um grupo de ajudantes homens.

Daquela vez, Vava entrou no apartamento e viu a vizinha

acompanhada por dois homens: um, de uniforme, ia na frente; o outro, de roupas civis, ia atrás dela.

Vava a cumprimentou alegremente. Kaliguina se virou e apertou a boca.

Vava disse para a mãe:

— Levaram Anna Stepánovna no meio de dois.

Minha avó nem mexeu a cabeça.

Sem roupas, pertences e livros, depois de perder todos os móveis, cobertores e louça, sem falar nos quadros, eles foram falar com Dêdia, com Iliá Serguêievitch Veguer, na portaria vizinha do Metropol, e se instalaram na casa dele.

E, daquele nosso apartamento anterior do Metropol, me ficaram na memória dois quartos conjugados com uma porta no meio, e acima da porta um quadro: sobre um fundo esmeralda, uma cabeça feminina de perfil com o pescoço arqueado e cabelos claros, ruivos, parecendo um capacete.